

EDIÇÃO 2 • JUNHO DE 2022 • WWW.ADILSONAGUIAR.COM

# EXCLUSIVA

COM ADILSON AGUIAR

ARTIGO INÉDITO

## ESTRATÉGIAS PARA RECUPERAÇÃO DE PASTAGENS DEGRADADAS



**Professor Adilson Aguiar**  
@professoradilsonaguiar



**Adilson Aguiar**

# ADILSON AGUIAR

## 30 ANOS DE DEDICAÇÃO À AGROPECUÁRIA

O professor, pesquisador e consultor Adilson de Paula Almeida Aguiar trabalha 30 anos em prol da agropecuária e se estabeleceu internacionalmente como um dos maiores nomes na área de produção animal a pasto.

Zootecnista pela Faculdade de Zootecnia de Uberaba (Fazu), Adilson é também especialista em Didática do Ensino Superior pela Universidade Federal de Viçosa e em Solos e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Lavras.

Foi professor durante 30 anos na Fazu (Faculdades Associadas de Uberaba) nos cursos de Agronomia e Zootecnia e coordenou durante 20 anos o curso de Pós-graduação em Manejo da Pastagem e durante 12 anos o curso de Pós em Nutrição de Ruminantes.

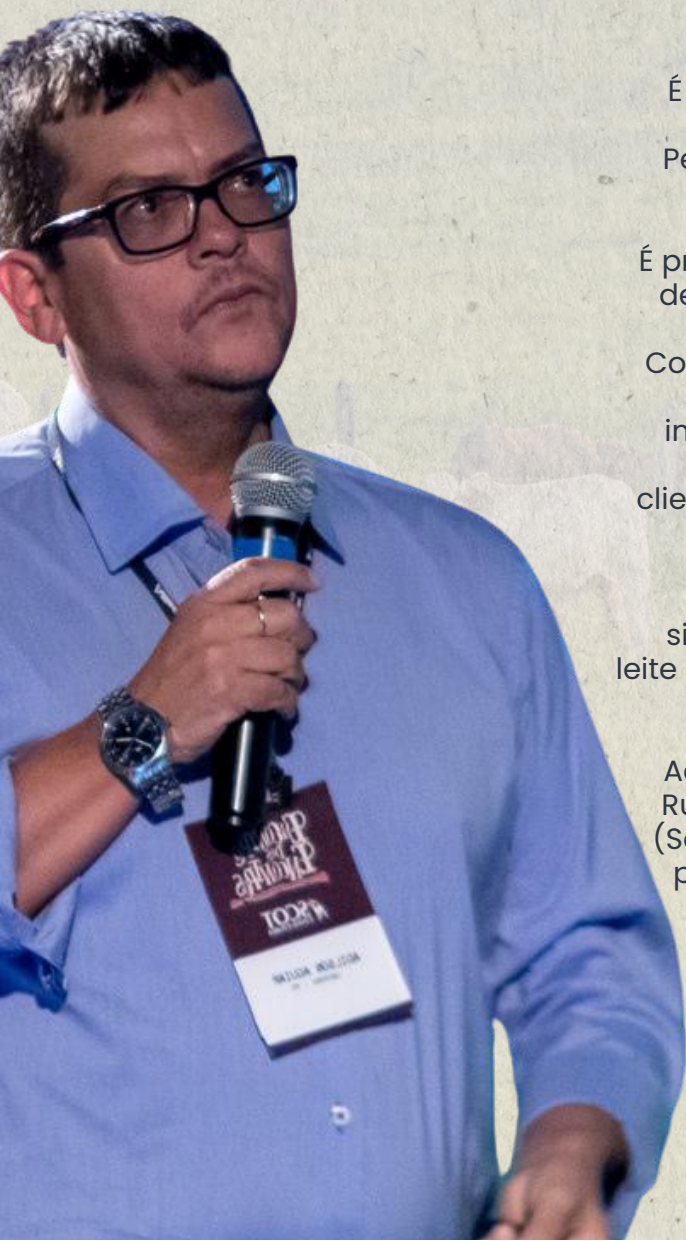
É professor há 12 anos nos curso de pós-graduação em nível de especialização em Pecuária Leiteira, Pecuária de Corte e Produção de Gado de Corte em Pasto pela Rehagro.

É professor também no Curso de Gestão em Pecuária de Corte da FGI (Faculdades de Gestão e Inovação).

Consultor em projetos de pecuária de corte e leite há 30 anos no Brasil e no exterior, Adilson Aguiar já implantou e acompanhou, sozinho e com parceiros, mais de 330 fazendas de gado de corte, de 152 clientes, e 42 fazendas de gado de leite, de 41 clientes, espalhadas pelas regiões brasileiras.

Atualmente, o zootecnista acompanha sistematicamente cerca de 10 fazendas de gado de leite e 45 de gado de corte, além de ministrar palestras e treinamentos.

Adilson Aguiar possui colunas fixas nas revistas DBO Rural (Básico Bem Feito) e AG – A Revista do Criador (Santo Capim) e escreve, sistematicamente, para os portais Scot Consultoria, Balde Cheio de Luz e Pasto Extraordinário.



Assessoria de Comunicação  
Daniela Miranda - Mtb 0020500/MG  
imprensa.consupec@gmail.com

As pastagens brasileiras perdem seu potencial de produção de forragem, sua capacidade de suporte e conseqüentemente a produtividade animal entre o ano do plantio (primeiro ano de uso da pastagem) e os segundo, terceiro e quarto anos de exploração até 40%, 70% e 85%, respectivamente.



As causas da degradação das pastagens são diversas, mas todas bem conhecidas e investigadas pela pesquisa. Inicia-se com o plantio de espécies forrageiras não adaptadas às condições climáticas e dos solos da região; continua com o estabelecimento incorreto da pastagem, com erros cometidos desde o preparo do solo, passando pela compra de sementes de baixo valor cultural, terminando com erros na semeadura; o manejo incorreto da pastagem durante o seu estabelecimento e durante a sua condução (com superpastejo ou com subpastejo); uso do fogo; a falta de diversificação que provoca o desenvolvimento rápido de pragas e doenças; a infestação por plantas invasoras; a incompatibilidade de espécies consorciadas, o que tem ocorrido na consorciação entre gramíneas e leguminosas e o cultivo da pastagem em solos com baixa fertilidade natural ou em solos antes férteis, e já esgotados. Tem sido diagnosticado na maioria dos levantamentos de causas da degradação da pastagem que a baixa fertilidade dos solos é a principal causa e que é a primeira a desencadear o processo de degradação.

O declínio da fertilidade do solo por ausência de adubação foi apontado em 50% dos casos como a principal causa da degradação de pastagens nos Estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima.

A maior parte do rebanho bovino brasileiro encontra-se em pastagens implantadas em solos ácidos, pobres em fósforo, cálcio, magnésio, zinco, enxofre, nitrogênio, potássio, cobre, boro, matéria orgânica e com níveis tóxicos de alumínio e manganês. Com estes tipos de solos, a produção de forragem seria suficiente apenas para suportar taxas de lotação animal entre 0,41 a 0,48 UA/ha/ano.

As baixas produtividades animal, por exemplo nas regiões dos Cerrados caracterizam um grande desperdício de recursos climáticos tão favoráveis desta região, tais como: índices pluviométricos entre 1.200 e 2.000 mm/ano, temperaturas médias acima de 22 °C e alta intensidade luminosa; solos planos a levemente ondulados e profundos; o potencial de produção das plantas forrageiras tropicais; e determina que, naquelas condições, a produção animal em pasto seja uma das piores alternativas de uso da terra quando comparada com outras atividades.

Quando aqueles recursos ambientais são explorados com eficiência, pode-se estabelecer altas produtividades em sistemas de pastagens, com lotação animal entre 2,0 a 20,0 UA/ha, durante a primavera-verão; produtividade da ordem de 300 a 3.600 kg/ha/ano de peso corporal (150 a 1.800 kg de carcaça/ha/ano); e produção de leite entre 5.000 a 60.000 kg de leite/ha/ano. Com esses níveis de produtividade animal, os sistemas de produção de leite e carne em pasto passam a ser muito competitivos com alternativas de uso da terra.

Por ocasião dos penúltimo e último Censos Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2005 e 2017, foi levantado que apenas 7,95 e 14,23%, respectivamente, dos estabelecimentos agropecuários aplicaram corretivos ao solo (IBGE, 2006; 2018). Em nenhum destes censos aparece dados específicos sobre o uso de corretivos em pastagens. Por outro lado apenas 2,41% dos estabelecimentos pecuários adubaram pastagens e apenas 1,58% do fertilizante comercializado teve destino às pastagens (IBGE, 2006). Pergunta-se: será que desde então este cenário mudou?

A área de pastagens brasileiras ocupa aproximadamente 21% do território nacional e 70,2% da área agricultável do país. Entretanto, em média apenas 1.42% do fertilizante comercializado tem sido destinado à aplicação em pastagens, ou seja, os cultivos agrícolas, que ocupam apenas 29,8% da área agricultável consumiram 98,58% de todo o fertilizante comercializado, sendo que apenas as culturas de soja, milho, cana-de-açúcar, café e algodão, consumiram 91% do total, o que é um paradoxo. Este contexto pode explicar, pelo menos em parte, porque a pecuária tem cedido área para a agricultura nas últimas duas décadas.

Entre os Censos Agropecuários, de 1975 e 2017 a área de pastagens no Brasil sofreu uma redução de 7,0 milhões de hectares (ha), enquanto as áreas de lavouras e de florestas foram aumentadas respectivamente em 23,3 e 5,6 milhões de ha (IBGE, 2018). Sobre estas áreas de pastagens, na sua quase totalidade, degradadas, têm avançado os cultivos de grãos, canaviais, reflorestamentos, seringais, entre outros, atividades que exploram o solo intensivamente com uso de tecnologias, entre as quais, a correção e adubação e operando com maiores lucratividades e retornos sobre o capital investido.

Por outro lado, nos últimos 20 anos, tem aumentado, consideravelmente, o número de produtores que tem intensificado a produção em pastagem fazendo uso de fertilizantes.

Quando se analisa os dados dos relatórios dos Rallys da Pecuária, por exemplo, no relatório de 2015, 54% dos entrevistados afirmaram corrigir/adubar suas pastagens. Extrapolando resultados dos rallies da pecuária para a área de pastagens do país estima-se que entre 5,9 a 17, 5% da área de pastagem do país poderiam estar recebendo fertilizantes e que a pecuária estaria consumindo entre 6,45 a 8,79% do total de fertilizantes comercializados. Apesar desta proporção ainda ser muito baixa, dadas à proporção da área agricultável do país ocupada pelas pastagens e a baixa fertilidade dos solos explorados com esta cultura, é fato que a cada ano os pecuaristas têm intensificado seus sistemas de produção por meio da aplicação de fertilizantes.



Nesse contexto, as preocupações já devem ser outras, tais como: manejo incorreto do pastejo e baixo desempenho animal reduzindo os efeitos benéficos da adubação, escolha inadequada das fontes de fertilizantes, erros no manejo de aplicação dos corretivos e fertilizantes e riscos de contaminação do meio ambiente.

A Organização das Nações Unidas para a agricultura e alimentação - FAO estimou que até o ano 2050, a produção de alimentos deverá ser dobrada em relação à do ano 2000 para atender a demanda mundial. Em 1990, quando a população mundial alcançou 5,2 bilhões de habitantes, a produção mundial de alimentos foi de 2 bilhões de toneladas (t), mas esta deverá atingir 4 bilhões de t. no ano de 2025 para alimentar uma população mundial estimada em 8,3 bilhões de habitantes. Como a área agricultável da terra não será aumentada, a produtividade média de grãos que era de 2,5 t/ha em 1990 deverá atingir 4,5 t/ha em 2025.

Segundo a FAO de todo o aumento na produção de alimentos, apenas 20% viriam da incorporação de áreas naturais em áreas de produção, os 80% restantes viriam das áreas já exploradas, indicando a necessidade de se incorporar mais tecnologia dentro dos sistemas de produção. Nesse contexto, a contribuição de fertilizantes para a produção agrícola deverá, obviamente, aumentar.

Estudos realizados pela equipe da FAO indicaram que, no início da década dos anos 2000, a aplicação de fertilizantes contribuiu com 43% dos 70 milhões de toneladas de nutrientes removidos pela produção agrícola global. No futuro, para suprir a demanda crescente por alimentos, essa contribuição deveria ser de 84%.

Considerando a crescente demanda da sociedade por alimentos, fibras e combustível, o intenso estresse financeiro global e as crescentes preocupações sobre os impactos na qualidade da água e do ar, a melhoria simultânea da produtividade e da eficiência na utilização dos recursos, incluindo a eficiência de utilização de nutrientes é imprescindível que a agricultura e a pecuária adotem as boas praticas de manejo (BPM) no uso de corretivos e fertilizantes.

O conceito sobre melhores práticas agrícola (MPMs) foi apresentado pela primeira vez aproximadamente três décadas atrás por pesquisadores que definiram como sendo práticas comprovadas pela pesquisa, implementadas e testadas pelos agricultores que proporcionam ótimo potencial de produção, aumento da eficiência de utilização dos nutrientes e proteção ambiental.

BPM podem ser definidas como ações aplicadas aos recursos, que tenham sido validadas pela pesquisa, para proporcionar a melhor combinação entre desempenho econômico, social e ambiental.

Para o manejo da fertilidade do solo, a sigla BPM tem sido substituída por BPUFs (Boas Práticas para Uso de Fertilizantes) e se constituem na aplicação em campo dos quatro Cs (4 Cs): aplicação da fonte de nutrientes Certa, na dose Certa, no lugar Certo e na época Certa.

Os procedimentos 4C devem operar em sincronismo um com o outro e com o ambiente envolvendo clima-solo-planta e manejo ambiental e serem específicos para cada local.

COM A IMPLEMENTAÇÃO DA PRÁTICA DE MANEJO DE NUTRIENTES 4C OS PRODUTORES SÃO CAPAZES DE MAXIMIZAR SEUS RENDIMENTOS, OTIMIZAR O USO DE FERTILIZANTES E MINIMIZAR OS IMPACTOS AMBIENTAIS.

**ADILSON DE PAULA ALMEIDA AGUIAR**



# Impulsione sua **carreira** ou sua **fazenda através da** **Plataforma Adilson Aguiar**

**LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS**

Curso de Correção e Adubação  
de Solos de Pastagens

7 Aulas

223 minutos

Curso de Correção e Adubação  
de Pastagens

17 Aulas

433 minutos

**SEJA RECONHECIDO NO MERCADO,  
APRIMORE SEUS CONHECIMENTOS!**

**[WWW.ADILSONAGUIAR.COM](http://WWW.ADILSONAGUIAR.COM)**



## **Metodologia Professor Adilson Aguiar**

30 anos de trabalho e experiência em Consultoria e  
Planejamento Pecuário

Cursos com aplicações práticas



Assista quando e onde quiser



Certificado exclusivo



Escale seu negócio



**Adilson Aguiar**